
INDÍCIOS ENTONACIONAIS NA SUPERFÍCIE DE UM TEXTO*

Irene Zasimowicz Pinto Calaça**

RESUMO

Neste trabalho examinamos indícios que, atuando na superfície de textos, auxiliam-nos a escolher a entonação ideal à leitura – oral ou mesmo silenciosa.

INTRODUÇÃO

Falantes de uma língua não necessitam de nenhum conhecimento científico para sentir diferenças entre uma *mensagem oral*, transmitida a um receptor espontaneamente, diretamente, com o auxílio de gestos, e outra *mensagem escrita*, que se utiliza de descrições que formam um contexto situacional entre leitor/escritor, a fim de minimizar a distância entre ambos. Santos (1991, p.57) completa: “já que o autor pode ler e reler o seu texto, vagarosa e criticamente, ele tentará escrever tão concisa e cuidadosamente quanto possível, “podando” aqui, acrescentando ali etc.”

Verifica-se, contudo, que mensagens elaboradas de início num meio escrito ou falado, são transmitidas, muitas vezes, por canais diversos. Conferências formais, estruturalmente pertencentes ao meio escrito, são proferidas oralmente, ou inversamente, transcrições de conversas espontâneas, originadas num meio oral, podem ser fixadas através da escrita.

* Ensaio apresentado à disciplina Análise do Discurso no Mestrado em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

** Mestranda em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Pelo exposto, é possível constatar que a interação entre a escrita e a oralidade é assunto por demais complexo. Neste trabalho buscaremos localizar indícios (marcas, pistas) *na superfície de textos*, que nos auxiliem a encontrar a entonação ideal, quando de sua leitura. Para tal, selecionamos o seguinte trecho de tese (Carvalho, 1989, p. 39):

Assim a Etnometodologia enfatiza o processo, e dois processos gerais recebem a atenção dos etnometodologistas: a tomada de decisão e a manutenção da realidade. O interesse deles pelos processos leva-os a examinar não apenas o conhecimento do mundo, mas também a linguagem, as atividades interpretativas e a estrutura de experiência do senso comum. É uma abordagem que, à semelhança da Sociologia Fenomenológica, centraliza-se no mundo do senso comum, em particular na forma pela qual os membros chegam a um sentido da realidade objetiva. Os etnometodologistas queixam-se da prática da Sociologia convencional que estabelece uma dicotomia entre o conhecimento do senso comum e o do investigador ou do teórico, situado numa posição dominante, fora da sociedade.

Entonação e leitura

Basicamente, a entonação é a melodia com que é proferido o discurso. Segundo Matussevitch (1972, p.112), a entonação proporciona a unidade frasal. Frequentemente é considerada um meio de expressão exclusivamente subjetivo, por transmitir a relação do falante para com o enunciado. Não podemos esquecer, todavia, que a mesma não deixa de ser um meio social: o falante não pode utilizá-la aleatoriamente como queira, pois em cada língua existem modelos que devem ser observados, a fim de que as nuances de cada acento possam ser assimiladas pelo ouvinte.

Existem diversas interpretações entonacionais de um mesmo texto, porém estas devem ser utilizadas de acordo com a estrutura sintático-semântica da língua em questão. Para Cagliari (1978, p.8), “Os significados de atitudes do falante, expressos através da entonação, são de natureza semelhante aos significados de tempo, modo, aspecto, etc. da gramática.”

Ao registrarmos nossa fala em aparelhos, verificamos que a mesma surge como uma linha quase contínua, repleta de “altos” e “baixos”. Os

primeiros, formados pelas sílabas tônicas; os últimos, pelas átonas. O alinhamento dos diversos picos de frequência fundamental contribui para a sensação de continuidade melódica (entonacional). Ao longo da *frase declarativa*, por exemplo, verificamos um abaixamento progressivo da frequência fundamental, porém “os falantes são capazes de *controlar a declinação com objetivos lingüísticos, sendo um destes objetivos o de assegurar a coesão do enunciado*” (Mateus, 1990, p.201).

Já em *frases interrogativas*, o que vemos é uma descida de frequência, seguida de uma subida. Um tom ascendente semelhante a este é notado em enunciados *declarativos* (como, por exemplo, em “Se ele for, também irei.”), justamente para imprimir a idéia de continuidade do pensamento.

Qual seria, então, a relação da entonação com a leitura? Já foi cientificamente comprovado que no texto escrito encontra-se presente implicitamente a entonação, devendo o leitor reproduzi-la adequadamente, sob pena da comunicação não ser atingida satisfatoriamente. (Belski apud Havronina e Krylova, 1989, p.17-8).

Leffa (1996, p.69-70) nos explica que atualmente é possível medir atividades musculares subvocálicas durante a leitura silenciosa com o auxílio de aparelhos especiais. Porém, continua muito difícil avaliar a proficiência de leitura, as estratégias usadas pelos leitores e outras questões.

Neste trabalho partiremos da premissa de equivalência – mesmo que limitada – entre leitura oral e silenciosa e analisaremos os indícios que auxiliaram-nos a encontrar a entonação necessária durante a leitura, numa adaptação da técnica de Análise de Protocolos (que, segundo Leffa (1996, p. 69-70) consistiria em fazer o próprio leitor “pensar em voz alta” sobre as estratégias que usou durante a leitura).

Colocação do problema

Apesar dos falantes dominarem muito bem a entonação em discursos orais espontâneos, constatamos que muitos não a dominam quando da leitura de enunciados longos e complexos, dela desviando-se. Isso origina uma ruptura da unidade frasal, altera a mensagem final e dificulta a assimilação do texto pelo ouvinte.

No texto escrito a pontuação reflete os traços prosódicos da fala apenas parcialmente. Em trabalhos de cunho científico, por exemplo, temos frases que se estendem por três linhas ou mais, sem que encontremos uma única vírgula. Já outros períodos, entrecortados de vírgulas e pontos, também são de difícil leitura, pois que diversas linhas do pensamento são sobrepostas umas às outras, sendo difícil manter seus elos coesivos.

Apesar da aparente dificuldade, constatamos uma grande uniformidade na parte suprasegmental (entonacional), quando da leitura de trechos por falantes de diversas regiões do Brasil. É certo que a altura dos tons varia, porém a localização das sílabas tônicas salientes, dos grupos tonais e pés (constituintes da entonação) é praticamente a mesma. Como teria sido obtida tal uniformidade? Não sentimos sua existência, porém a “quebra” da mesma, o desvio da norma, são notados. Trazemos aqui um pequeno exemplo de desvio da norma (incoerência), retirado de Koch & Travaglia (1993, p.38), para elucidarmos o recém-afirmado.

(1) “d) João foi à festa, todavia porque não fora convidado.”

A primeira oração deste exemplo – a oração coordenada assindética “João foi à festa” – não nos traz maiores problemas. Adiante, porém, encontramos dois fragmentos: “todavia” e “porque não fora convidado” de uma oração com período composto, que não se realizou plenamente.

O fragmento “porque...” é uma oração subordinada causal com um verbo no pretérito mais-que-perfeito (com valor de imperfeito do subjuntivo), cuja função é realçar a oração principal, que, no caso específico, é inexistente. A entonação *ascendente* do mesmo, juntamente com o *tempo verbal*₂, indicam que a linha do pensamento encontrava-se inacabada, porém a ruptura ocasionada pelo ponto final gera uma incoerência não apenas de ordem sintática, como também *entonacional*.

O fragmento “todavia” seria o determinante integrante de uma oração coordenada sindética (a mesma oração principal acima citada), que não se realizou. O uso do referido advérbio “pressupõe uma continuação que não aparece” (Koch & Travaglia, 1993, p.38). O mesmo poderia ser lido destacadamente – com entonação ascendente e pausa –, ou sem ênfase, num crescendo único, juntamente com a oração subordinada que o seguia. Neste caso, o destaque seria do verbo, que deveria ser

pronunciado num ritmo mais lento, com altura secundária (em comparação com a da última sílaba tônica).

Em conclusão, encontramos no trecho acima dois indícios superficiais que nos auxiliaram na escolha da entonação de (1): o determinante e o tempo verbal.

Adiante analisaremos um trecho de tese, buscando localizar e classificar elementos textuais que auxiliaram um leitor experiente a “pressentir”, prever a entonação do enunciado em questão no decorrer de sua leitura.

Sistematização

1. *Atualização Tema-Rema*

Comparemos os seguintes trechos:

- | | |
|---------------------------------------|--|
| (2) Assim / | a Etnometodologia enfatiza o processo... (linha 1) |
| (3) ...dois processos gerais / | recebem a atenção... (linhas 1-2) |
| (4) O interesse deles pelo processo / | leva-os a examinar... (linhas 2-3) |
| (5) ... em particular / | na forma pela qual... (linhas 5-6) |

Nos casos (2-5), o fator que determinou a entonação ascendente parece ter sido a Atualização Tema-Rema (ATR), termos cunhados por estudiosos da sintaxe comunicativa (Adânets, Danês e outros).

Estudando-se a sentença como unidade tanto do discurso como da língua, verificou-se que os falantes são capazes de identificar a importância relativa das informações nela veiculadas. A teoria conhecida como Perspectiva Funcional da Frase foi o resultado desses estudos. Ela gira entorno de dois termos principais: Tema e Rema (também conhecidos por tópico/comentário, ênfase/foco...)

Estruturalmente, a sentença é constituída de dois elementos principais. O primeiro deles – o Tema, “é aquilo de que fala o locutor, é o objeto do discurso ou, como diziam os lingüistas no começo do século, o SUJEITO PSICOLÓGICO” (Ducrot & Todorov, 1988, p.249).

Já o Rema “é a informação que ele pretende dar relativamente a esse tema – o que outrora se denominava PREDICADO PSICOLÓGICO” (p.249).

Em uma sentença *estilisticamente neutra*, o tema – ponto de partida do enunciado, assunto geralmente conhecido pelo ouvinte/leitor – pode ser encontrado no início da mesma. Já o rema, que veicula um conteúdo novo, encontra-se no final da sentença, após o tema. “A quebra de tal regra [...] ocasiona a quebra da seqüenciação lógica do pensamento (ou o surgimento de um colorido expressivo na sentença)” (Havrônina & Krylova, 1989, p.7-8).

Tanto o tema como o rema possuem indícios entonacionais. O tema, localizado no início da oração, é marcado por uma elevação no tom [↗], que, segundo as referidas autoras (p.16), “sinaliza a continuação da mesma, sua incomplitude: possibilita um aumento de tensão, de espera daquilo que será dito sobre o objeto do discurso”.

Ao mesmo tempo, verifica-se uma pequena pausa nesta fronteira Tema-Rema.

Já o rema – centro ideacional da sentença – possui características rítmico-entonacionais diversas: verifica-se um declínio do tom e do acento frasal na última sílaba tônica da oração, que sinaliza sua conclusão.

A estrutura entonacional realizada na ATR reflete a linha natural da corrente do pensamento e não coincide, necessariamente, com a divisão sintagmática ou mesmo sintática da oração.

A entonação neutra (T↘-R↘) acima descrita possui caráter automático e está presente implicitamente no texto escrito. O centro entonacional da frase, localizando-se na última parte da sentença, é destacado pelo leitor como sua parte principal, essencial, enfim, como rema. Tal organização entonacional auxilia o falante e o ouvinte (escrevente e leitor) a terem uma mesma concepção dos objetos representados pelo tema, pois que suas linhas de pensamento partem desse objeto.

O escrevente deve conseguir transmitir a entonação frasal de tal maneira, que o leitor consiga reproduzi-la adequadamente no texto em questão. “Se o escrevente acomodar uma palavra correspondente ao rema numa posição não-final, ou seja, não-remática, esta não será assimilada pelo leitor como rema, como centro do enunciado” (Havrônina & Krylova, 1989, p. 18).

Eis dois exemplos trazidos pelas referidas autoras (p.18):

- (8) “* Alguns escritores descrevem retratos mais profundamente - outros, a fala das personagens.”
- (9) “Alguns escritores descrevem mais profundamente retratos - outros, a fala das personagens.”

Comparando (8) e (9), é possível compreender as afirmações supra. Em (8) o centro ideacional seria deslocado automaticamente para o vocábulo “profundamente”, o que geraria confusão. Já (9) não tem esse problema.

Concluindo, é possível verificar que construções de ordem aparentemente tão diversa, como 2-5, têm uma mesma motivação entonacional: a Atualização Tema-Rema, que é *intuída* pelo indivíduo *durante a leitura*

2. Tipos de Orações

Voltando à nossa análise, examinemos os seguintes trechos:

- (10) É uma abordagem que, à semelhança da Sociologia Fenomenológica, centraliza-se no mundo do senso comum... (linhas 7-8)
- (11) Os etnometodologistas queixam-se da prática da Sociologia convencional que estabelece uma dicotomia... (linhas 10-11)

Em (10) e (11) encontramos novamente duas orações subordinadas. Com base no trabalho de Cagliari (1979) sobre tons, pudemos constatar que em quaisquer variantes entonacionais passíveis de serem utilizadas nestas leituras, há uma brusca diferença entre o tom da sílaba tônica da 1ª. oração e o tom inicial da que está inserida, indicando a quebra da linha de um pensamento que prosseguirá adiante. Isto parece ser bastante freqüente em textos científicos, onde os períodos são mais longos, pois possibilita pausas respiratórias mesmo quando a pontuação não vem em nosso auxílio.

O referido autor constata que as diferenças entre orações subordinadas restritivas e explicativas, bem como entre orações causais e explicativas, são expressas com o auxílio da entonação. O simples padrão entonacional de algumas orações é suficiente para transmitir “a idéia de relação

entre duas orações, dispensando [inclusive] a manifestação explícita da própria conjunção” (Cagliari, 1979, p.26).

Como em :

(12) “// 3 Já que es/tou a/qui// 1 vou fa/zer o discurso//” (p.26)

(13) “// 3 Eu es/tou a/qui// vou fa/zer o dis/curso//” (Idem)

Assim, fica patente que a utilização de uma ou outra entonação, e a conotação que dela advém, depende unicamente de como a leitura seja conduzida em determinado momento. Releituras podem, inclusive, modificar a assimilação de todo um conteúdo. Veja-se em:

(14) As mulheres que são bonitas tornam-se o pivô de muitos crimes passionais.

No exemplo acima podemos encontrar diversas leituras, como é fácil constatar: Somente as mulheres bonitas...; as mulheres em geral tornam-se o pivô... por serem bonitas; entre outras.

3. *Mecanismos de coesão*

(15) O interesse deles pelos processos leva-os a examinar não apenas o conhecimento do mundo, mas também a linguagem... (linhas 3-5)

Pares correlatos (“não apenas ... mas também”, “não tanto... quanto”, entre outros) também podem vir em auxílio do leitor na escolha da entonação que deverá empregar. Estes pares fazem parte de uma listagem de Mecanismos de Coesão, muito bem expostos por Koch (1990) em seu trabalho.

Os mecanismos coesivos são intimamente ligados à predição da entonação, porém, segundo Fávero (apud Magalhães, 1996, p.29), até agora houve “pouco empenho da lingüística em estudar a função do componente fonológico no estabelecimento da coesão”.

Outros elementos coesivos que atuaram na escolha da entonação no trecho analisado foram:

a) O numeral “dois”(linha 1), que, atuando *cataforicamente*, nos remete à informação subsequente e nos prepara para a entonação enumerativa que há de vir. A enumeração, propriamente dita, é antecedida por um sinal gráfico (dois pontos), que chama a atenção do leitor para alguma alteração no enunciado (no caso, a contagem). Ainda na linha nº1 fomos prevenidos que haveria apenas dois itens. Caso isso não tivesse sido feito, o leitor pronunciaria cadenciadamente cada grupo tonal até encontrar a conjunção aditiva “e”, a expressão “et caetera” (ou similar) ou um ponto final, que indicariam o término do período e a conseqüente mudança de entonação, que passaria a ser descendente.

b) O substantivo “dicotomia”(linha 11) ainda lexicalmente nos prepara para uma bipartição, que pode ou não manifestar-se no texto. A preposição que o segue (“entre”, linhas 11-12) possui a mesma conotação biparte, porém vai mais adiante, pois através dela temos a certeza de que serão explicitados dois elementos com pesos sintático-semânticos paralelos, e nossa entonação deverá transmitir essa concomitância de idéias.

Conclusão

Em nossa análise localizamos diversos elementos textuais que influem diretamente na parte suprasegmental do enunciado: a Atualização Tema-Rema, o tipo de oração (no caso específico, apenas encontramos orações declarativas, porém neste quesito também caberiam orações interrogativas e exclamativas), suas relações de dependência na frase, tempo e aspecto verbais, alguns mecanismos coesivos (lembrando, que nem todos mecanismos coesivos interferem na escolha da entonação), além, é claro, dos sinais de pontuação.

ABSTRACT

In this article we examine markers that acting on the surface of texts, help us to chose the ideal intonation to the oral or even silent reading.

BIBLIOGRAFIA

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Entoação do português brasileiro (I)*. Campinas: UNICAMP, 1978. (Mimeogr.).
- _____. *Os tons do português brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1979. (Mimeo)
- CARVALHO, Sérgio Waldeck de. *Análise do discurso e defesa de tese*. Rio de Janeiro, 1989. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Português) - Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- HAVRÔNINA, Serafima Alekseevna & KRYLOVA, Olga Alekseevna. *Ensino da ordem das palavras no russo a estrangeiros*. Moscou: "Rússki Yazik", 1989. [em russo]
- KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1993.
- LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra, 1996.
- MAGALHÃES, Fernanda Pizarro de. *O papel dos mecanismos coesivos no processo de compreensão textual*. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.
- MATUSSEVITCH, Margarita Ivanovna. *Lingua russa contemporânea: Fonética*. Moscou: "Prosveshênie", 1976. [em russo]
- SANTOS, Leuna Guimarães dos. *Marcadores de continuidade*. Niterói: EDUFF, 1991.